

# NILTON VIROU MILTON: A MORTE QUASE IGNORADA DE UM EXILADO POLÍTICO NAS PÁGINAS DOS JORNAIS BRASILEIROS

MAURÍCIO MARQUES BRUM<sup>1\*</sup>

**Resumo:** Exilado no Chile por razões políticas, o estudante brasileiro Nilton Rosa da Silva foi assassinado em Santiago, em 15 de junho de 1973, durante um confronto de rua entre militâncias políticas opostas. Filiado ao Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), Nilton foi alvejado por membros da Frente Nacionalista Patria y Libertad (FNPL), grupo de ultradireita que naquele dia participava de uma marcha contrária ao governo de Salvador Allende. A análise do conteúdo de seis jornais brasileiros de grande circulação, durante a segunda quinzena de junho de 1973, possibilitou levantar o noticiário a respeito do assassinato. Constatou-se que, num contexto de censura, autocensura e repressão, os diários analisados tiveram sua cobertura prejudicada, dependendo fortemente do material proveniente de agências de notícias estrangeiras. A falta de aprofundamento da imprensa brasileira no caso parece ter sido um fator importante para que Nilton Rosa da Silva fosse ignorado em muitas narrativas posteriores sobre o exílio. Para esta análise, foram consultados os acervos de *Correio do Povo* e *Zero Hora*, em Porto Alegre, de *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, e de *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, na capital paulista.

**Palavras-chave:** Agências de notícias. Imprensa brasileira. Nilton Rosa da Silva.

**Abstract:** Exiled in Chile due to political reasons, Nilton Rosa da Silva, a Brazilian student, was murdered in Santiago on June 15, 1973, during a street confrontation between supporters of opposing political parties. Affiliated to the Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), a leftist movement, Nilton was shot by members of the Frente Nacionalista Patria y Libertad (FNPL), a far-right political group that participated that day in a demonstration against Salvador Allende's government. Through content analysis of six Brazilian newspapers, during the second half of June, 1973, it was possible to observe how the press addressed the case. It was found that, in a context of censorship, self-censorship and repression, the daily coverage was harmed, depending heavily on the material sent by foreign news agencies. The lack of depth in Brazilian press coverage seems to have been an important factor in forgetting Nilton Rosa da Silva, who is commonly overlooked in most narratives about the exile. In this analysis, the archives of the following newspapers were consulted: *Correio do Povo* and *Zero Hora*, in Porto Alegre, *Correio da Manhã* and *Jornal do Brasil*, in Rio de Janeiro, and *O Estado de São Paulo* and *Folha de São Paulo*, in São Paulo.

**Keywords:** Brazilian Press. News Agencies. Nilton Rosa da Silva.

---

Artigo recebido em 17 de agosto de 2014 e aprovado para publicação em 22 de novembro de 2014.

\* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista do CNPq (mauribrum@gmail.com).

## **Nilton Rosa da Silva, um brasileiro no MIR**

Ao final da tarde de 15 de junho de 1973, uma sexta-feira chuvosa na capital do Chile, o estudante brasileiro Nilton Rosa da Silva caiu numa esquina do centro da cidade, alvejado por um tiro na cabeça, disparado em meio a uma série de conflitos de rua e manifestações políticas que se desenrolaram ao longo de toda aquela tarde. Dali, onde as ruas San Martín e Agustinas se cruzavam, não muito longe do Palácio de La Moneda, sede do governo chileno, o brasileiro foi levado às pressas ao Hospital de Neurocirurgia de Santiago, onde sua morte foi oficialmente declarada. Nilton tinha 24 anos de idade, os dois últimos vividos em solo chileno, na condição de exilado político.

Após partir do Brasil, em 1971, ele havia ingressado no Instituto Pedagógico da Universidade do Chile, onde se matriculou no curso de Pedagogia. Natural da cidade de Cachoeira do Sul (RS), Nilton havia militado no movimento estudantil antes de sair de seu país, chegando a integrar a direção da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (UGES), no biênio 1967/68<sup>2</sup>, antes de o regime militar brasileiro jogar a organização na clandestinidade, como consequência do Ato Institucional Nº 5. O Chile então era visto como um reduto de relativa tradição democrática num continente repleto de ditaduras encabeçadas pelas Forças Armadas, e passou a atrair ainda mais exilados políticos após a vitória de Salvador Allende, eleito presidente em setembro de 1970 à frente da Unidade Popular (UP), uma coligação encabeçada por socialistas e comunistas. Nilton da Silva seguiu o caminho de muitos colegas seus, escolhendo Santiago como destino para escapar da possível perseguição pelo regime que vigorava em seu país natal.

Uma vez no Chile, ele se identificou rapidamente com as mobilizações dos estudantes locais, passando a integrar o Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), um grupo tido como radical mesmo dentro da esquerda. Fundado em 1965 na Universidade de Concepción, o MIR não integrava a UP, embora apoiasse o governo Allende, ainda que com críticas ao que considerava um posicionamento inconvincente em certas reformas sociais para as quais desejava ver mais rapidez. O MIR havia surgido com um discurso de defesa da luta armada para alcançar a revolução socialista<sup>3</sup> e, deste modo, era comumente considerado extremista por boa

---

<sup>2</sup> LISBÔA, Susana Keniger. In: PADRÓS, Enrique Serra *et al.* (org.). A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória, vol. 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”. Porto Alegre: Corag, 2010, p. 287.

<sup>3</sup> MIR. Programa. In: NARANJO, Pedro *et al.* (org.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile: Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR*. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 103-105.

parte das militâncias ligadas ao Partido Socialista e ao Partido Comunista que, tendo conquistado o poder dentro do sistema democrático, viam os miristas com reservas<sup>4</sup>. Deste modo, após a vitória eleitoral de Allende, o MIR passou a exercer uma posição ambígua no cotidiano político do país.

Militantes miristas chegaram a integrar a escolta pessoal do presidente, mas já em novembro de 1971 haviam se desligado, em função das divergências ideológicas. Max Marambio, que fez o caminho oposto (abandonou o MIR para seguir a escolta), relata que a organização nunca pretendia se aliar diretamente à UP e, de fato, teria esperado por sua derrota nas urnas, crendo que isso fortaleceria a tese da necessidade de uma luta armada como única forma de alcançar o socialismo<sup>5</sup>. Ainda assim, essa proximidade inicial de Allende com os miristas seria suficiente para que, mais tarde, a ditadura de Augusto Pinochet alegasse a existência de um plano secreto para usar o MIR em um “autogolpe” que permitisse à UP se eternizar no poder<sup>6</sup>, justificando assim o próprio golpe que as Forças Armadas executaram em 11 de setembro de 1973. Com efeito, a CIA considerava o MIR como um braço encoberto do governo, utilizado para realizar ações capazes de apressar projetos que não pudessem ser implementados apenas com o uso da legislação pré-existente<sup>7</sup> – a transição ao socialismo sem romper com o sistema legal era uma das premissas do programa de Allende.

A imagem dúbia, no entanto, não impedia que muitos estudantes fossem atraídos para as fileiras miristas, visto que a organização havia se originado no próprio meio universitário: “Había un rasgo que lo hacía más atractivo que otras organizaciones de izquierda. El MIR era dirigido por jóvenes y eso impresionaba<sup>8</sup>”. O sistema universitário chileno vinha passando por um importante processo de reforma em suas bases desde o final de 1967, e os ecos das manifestações que marcaram uma busca por maior democratização no ensino superior do país seguiam sendo percebidos no cotidiano político. A participação dos estudantes de esquerda, em movimentos como o MIR, mas também nas organizações de jovens ligadas ao Partido Comunista ou ao Partido Socialista, foi potencializada a tal ponto no governo de Salvador

---

<sup>4</sup> TORRES, Osvaldo. *Democracia y Lucha armada: MIR y MLN-Tupamaros*. Santiago de Chile: Pehuén, 2012, p. 19.

<sup>5</sup> MARAMBIO, Max. *Las Armas de Ayer*. Santiago de Chile: La Tercera, 2007, p. 69.

<sup>6</sup> SECRETARÍA GENERAL DE GOBIERNO. *Libro Blanco del cambio de gobierno en Chile*. Santiago de Chile: Lord Cochrane, 1973, p. 21-27.

<sup>7</sup> BASSO PRIETO, Carlos. *La CIA en Chile*. Santiago de Chile: Salazar, 2013, p. 223.

<sup>8</sup> “Havia um traço que o fazia mais atrativo que outras organizações de esquerda. O MIR era dirigido por jovens e isso impressionava”. RIVAS, Patricio. *Chile, un largo septiembre*. Santiago de Chile: LOM, 2007, p. 19.

Allende que a ditadura estabelecida depois se veria obrigada a fechar cursos e limitar as vagas em diversas instituições. Como observou Hobsbawm:

[Os estudantes] eram não apenas radicais e explosivos, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social. Nos países ditatoriais, eles forneciam os *únicos* grupos de cidadãos capazes de uma ação política coletiva, e é significativo o fato de que, enquanto outras populações estudantis latino-americanas cresciam, seu número no Chile do ditador militar Pinochet, após 1973, foi forçado a cair: de 1,5% para 1,1% da população.<sup>9</sup>

Naquele momento de 1973, contudo, o governo de Allende já vivia um período de grave crise e, se por um lado as militâncias de esquerda seguiam ativas na defesa das reformas sociais, por outro os grupos de oposição estavam ganhando cada vez mais força. Os protestos cobrando o fim do governo, fosse através da renúncia ou da instigação de um golpe – como acabaria ocorrendo – se tornaram frequentes. Um dos grupos mais empenhados na busca pela destituição da UP era a Frente Nacionalista Patria y Libertad (FNPL), organização paramilitar de ultradireita, também com um largo contingente de jovens, responsável por ações armadas de terrorismo e sabotagem à infraestrutura do país, como a explosão de pontes rodoviárias, oleodutos e torres de energia elétrica.

Acredita-se que Nilton Rosa da Silva tenha sido assassinado por membros do Patria y Libertad. Naquela sexta-feira, 15 de junho, uma nova marcha de oposição a Salvador Allende teve lugar em Santiago, com escolta armada da FNPL em diversos setores da cidade. Simultaneamente, diversos militantes de organizações esquerdistas – incluindo o MIR – também foram às ruas, manifestar-se de modo favorável à administração allendista. Houve alguns choques intensos, que deixaram mais de 60 pessoas feridas e um morto: Nilton da Silva, o estudante brasileiro do Instituto Pedagógico. Seu cortejo fúnebre, dois dias depois do assassinato, converteu-se num acontecimento político: milhares de militantes de diferentes partidos de esquerda, mesmo aqueles que reprovavam o posicionamento do MIR, compareceram ao ato, numa tentativa de demonstrar força e unidade em um momento em que se percebia que as ameaças de um golpe de Estado eram crescentes e reais.

Neste artigo, analisarei a repercussão do assassinato e do funeral de Nilton Rosa da Silva na imprensa do Brasil, pelo modo como alguns grandes jornais brasileiros trataram esses acontecimentos. Pela análise do conteúdo publicado por seis diários do país durante a segunda quinzena de junho de 1973, procura-se compreender a importância atribuída na época à morte

---

<sup>9</sup> HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 292.

de Nilton, bem como refletir sobre as possíveis causas e consequências dos eventuais silêncios e lacunas de informação observados nessa cobertura jornalística.

### **Junho de 1973: a greve de *El Teniente* em meio às crises do governo Allende**

No dia do assassinato de Nilton da Silva, o Chile estava a menos de três meses de viver o golpe de Estado que levaria o general Augusto Pinochet ao poder pelos próximos dezessete anos. Não havia, ainda, como prognosticar uma data para a queda de Allende, e nem mesmo era possível afirmar com certeza se uma sublevação militar ocorreria no país em breve. Mas, àquela altura, os sinais de uma crise difícil de ser contornada eram cada vez mais evidentes, compondo um cenário em que um golpe era uma ameaça palpável. Pouco tempo depois, em agosto, o sociólogo francês Alain Touraine – que estava vivendo em Santiago nessa época – registraria em seu diário o que parecia ser um sentimento comum entre os chilenos: “até quando aceitarão os militares empenhar sua autoridade junto do Governo contra pessoas de quem estão politicamente mais próximos?”<sup>10</sup>

O mercado interno já sofria um pesado desabastecimento de alimentos e combustível, os conflitos ideológicos atravancavam o debate democrático entre os partidos governistas e a oposição, paralisando o Estado; grupos extremistas de esquerda e direita entravam repetidamente em confrontos armados nas ruas e o *Patria y Libertad* cometia rotineiros atentados terroristas. Uma inflação galopante somava-se a greves patronais e a pressões externas, sobretudo dos Estados Unidos<sup>11</sup>, criando um clima de franca sedição que não tardaria em confirmar os piores temores.

Eleito à presidência três anos mais cedo, à frente da UP, Allende governou sem maioria absoluta desde o início. Havia vencido o pleito com pouco mais de 36% dos votos e, como a Constituição não previa segundo turno, sua posse só foi confirmada após uma votação extra no Congresso, que escolheu entre seu nome e o do segundo colocado, o conservador Jorge Alessandri, que já havia presidido o país entre 1958 e 1964. Apesar das dificuldades causadas por essa situação minoritária, a UP buscou colocar seu programa em prática de modo célere: já em 1971, primeiro ano de gestão, intensificou-se a reforma agrária, nacionalizou-se grande parte do setor bancário, socializaram-se fábricas e, acima de tudo, estatizaram-se empresas mineradoras até então em mãos de companhias norte-americanas – o cobre era o principal produto de exportação chileno. Fidel Castro chegou a visitar o Chile no

---

<sup>10</sup> TOURAINE, Alain. *Vida e Morte do Chile Popular*. Amadora: Bertrand, 1974, p. 68.

<sup>11</sup> Cf. VERDUGO, Patricia. *Chile, 1973: como os EUA derrubaram Allende*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

final daquele ano, em sua primeira viagem a outra nação americana desde o início do embargo dos Estados Unidos. Sob Allende, o Chile declarou-se uma “nação não alinhada”, estreitando relações diplomáticas não apenas com a ilha caribenha, mas também com outras nações socialistas, como a Alemanha Oriental, a China, o Vietnã do Norte e a Coreia do Norte.<sup>12</sup>

Tamanha rapidez nas reformas sociais, econômicas e políticas impôs ao governo dificuldades ainda maiores. Após um animador crescimento registrado no primeiro ano, as finanças públicas começaram a padecer. Em parte pela incapacidade prática do Estado de absorver tantos empreendimentos em tão pouco tempo, em parte pelo bloqueio de créditos internacionais liderado por Washington que, somados à abrupta queda do preço do cobre, levaram os cofres do governo chileno a uma situação crítica. Internamente, os grupos de oposição acumulavam argumentos para questionar as medidas de Allende, trabalhando eles próprios para amplificar a crise, como foi o caso da greve dos proprietários de caminhões ocorrida em outubro de 1972, que prejudicou o abastecimento, provocando escassez de alimentos, açambarcamento e a uma aceleração ainda maior da inflação.<sup>13</sup> Nunca a crise havia sido tão grave quanto na paralisação de outubro, e a dificuldade de o governo contorná-la ajudou a reforçar os temores de um golpe: quando Allende instituiu uma cadeia nacional de rádio em regime de emergência, por exemplo, uma das emissoras de oposição saiu da rede e rodou no ar mensagens sediciosas, conclamando a população a se levantar contra o governo.<sup>14</sup>

Se o objetivo era interromper as reformas da Unidade Popular, pela derrubada de Salvador Allende, a oposição perdeu sua última chance de fazê-lo pelos meios legais em março de 1973. Sem conseguir dois terços dos assentos no Congresso nas eleições legislativas, os partidos contrários ao governo ficaram sem a maioria necessária para forçar um processo de *impeachment* contra Allende. Aquele seria o último pleito em nível nacional antes de 1976, quando o mandato da UP se encerraria, e o resultado das votações gerou um impasse político que, diante da falta de diálogo, culminaria com a implosão do próprio sistema democrático: a oposição não tinha quórum para derrubar Allende, enquanto o governo, embora tivesse representantes suficientes para se manter, não possuía condições de levar adiante nenhum projeto.<sup>15</sup> As crises se agravaram nos meses que se seguiram às eleições

---

<sup>12</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 256.

<sup>13</sup> WINN, Peter. *A Revolução Chilena*. São Paulo: UNESP, 2010, p. 154.

<sup>14</sup> PRATS GONZÁLEZ, Carlos. *Memorias: Testimonio de un soldado*. Santiago de Chile: Pehuén, 1985, p. 305.

<sup>15</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 401.

e, em junho de 1973, uma das questões prementes era uma nova greve com potencial de desestabilizar o governo: a paralisação parcial da mina de *El Teniente*.

Importante jazida cuprífera localizada em Rancagua, cidade a 85 quilômetros ao sul de Santiago, *El Teniente* era uma das minas nacionalizadas pelo governo ainda em seu primeiro ano de mandato. Iniciada em 19 de abril, a greve já durava havia quase dois meses inteiros – e ainda seguiria até os primeiros dias de julho. Embora não tivesse adesão plena entre os mineiros, a suspensão de parte das atividades em Rancagua causaria um prejuízo superior a 60 milhões de dólares à economia nacional, em valores da época<sup>16</sup>, num momento em que o Chile, já em dificuldades financeiras, dependia enormemente das divisas geradas pela exportação do cobre. Assim, naquele dia 15 de junho de 1973, quando os confrontos de rua terminariam matando Nilton Rosa da Silva, o que acontecia em Santiago era uma marcha de milhares de trabalhadores grevistas saídos de *El Teniente*, reclamando, entre outras demandas, uma reposição salarial de 41%, como forma de amenizar as perdas causadas pela inflação.

Muito se debateu se aquela paralisação tinha ou não caráter patronal, se havia sido insuflada pela oposição apenas como forma de atingir o governo ou se contava com mineiros que, indistintamente da sua filiação política, buscavam sobretudo as demandas colocadas em pauta. A posição de diálogo adotada por Salvador Allende nesse caso desagradou à maioria das lideranças da Unidade Popular, que consideravam a greve uma manobra orquestrada pelos partidos de oposição e sem base nos pedidos dos sindicatos mineiros. O presidente ignorou as recomendações de dentro da UP e sentou-se para negociar com o movimento grevista no próprio dia 15 de junho.

No entanto, a julgar pelos comentários feitos por Allende naqueles dias, o pensamento do presidente não se distanciava tanto daquele mantido pela cúpula da coligação governista. Sobre os funcionários paralisados em *El Teniente*, ele declarou à revista norte-americana *Newsweek*: “é um setor minoritário, composto não apenas de trabalhadores [mineiros]. Os grevistas são na maioria escriturários.”<sup>17</sup> Os partidos de oposição, porém, apresentavam números diferentes, contradizendo o comentário de Allende. O senador Patricio Aylwin, que presidia o Partido Demócrata Cristão (PDC), principal sigla oposicionista, afirmou que “não

---

<sup>16</sup> TOURAINE, Alain. *Vida e Morte do Chile Popular*. Amadora: Bertrand, 1974, p. 21.

<sup>17</sup> Entrevista de Salvador Allende a Bruce van Voorst, da revista *Newsweek*, republicada por Veja, São Paulo, 27 jun. 1973, p. 48-49.

era verdade que a maioria dos mineiros de *El Teniente* já se havia reintegrado ao trabalho. [Segundo ele,] cerca de 9.000 dos 13.000 empregados continuavam em greve.”<sup>18</sup>

Diante desse enfrentamento, as polarizações políticas logo se refletiram nas reações das militâncias quanto à greve e, em particular, sobre a marcha de 15 de junho: militantes de siglas de oposição, como o PDC e o Partido Nacional (PN), abraçaram a manifestação, enquanto membros dos partidos da UP tomaram as ruas para defender o governo. Nas duas pontas do espectro político, o *Patria y Libertad* e o MIR também se fizeram presentes, envolvendo-se em alguns dos mais violentos conflitos registrados naquele dia.

Sem grande destaque pessoal dentro do MIR, Nilton Rosa da Silva envolveu-se nas mobilizações como um militante a mais, convertendo-se numa vítima da exacerbação da violência proporcionada pela presença de civis armados no protesto. É improvável que o disparo estivesse direcionado a Nilton em particular – ele foi morto por ser mirista, por ser de um grupo de esquerda, por estar em meio à massa indistinta que o disparo buscava atingir. Essa condição quase impessoal de sua morte, a do militante caído que poderia ser qualquer outro que estivesse se manifestando em favor do governo Allende, ajuda a explicar em parte a comoção causada em torno de seu funeral, que reuniu uma multidão ligada aos mais variados movimentos de esquerda, deixando de lado as corriqueiras estigmatizações sofridas pelo MIR.

Sendo o único falecido nos tumultos daquele dia, e em função da sua nacionalidade, a morte e o funeral de Nilton da Silva atraíram a atenção da imprensa brasileira, que dedicou parte de seu noticiário ao tema. A dimensão dessa cobertura e a profundidade que a marcou (ou a falta dela) serão o foco da análise a seguir.

### **A cobertura da imprensa brasileira**

Em junho de 1973, os principais jornais brasileiros dedicaram espaços em suas seções internacionais a acompanhar de forma quase diária o desenrolar dos acontecimentos no Chile, relatando o avanço da crise política e as mobilizações dela decorrentes. Para a análise aqui proposta, foram selecionados seis jornais de grande circulação sediados em três capitais distintas: os cariocas *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, consultados através do acervo digitalizado da Hemeroteca da Biblioteca Nacional<sup>19</sup>, os paulistanos *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, consultados nos acervos digitais mantidos pelos próprios jornais em suas

---

<sup>18</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 448.

<sup>19</sup> Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. O acesso é gratuito e irrestrito.

páginas na Internet<sup>20</sup>, e os gaúchos *Correio do Povo* e *Zero Hora*, cujas edições impressas foram consultadas nos arquivos mantidos pelo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, localizado em Porto Alegre. A escolha desses dois últimos jornais se deve ao fato de serem os periódicos mais importantes, à época, no estado natal de Nilton Rosa da Silva, o que me pareceu pressupor um interesse reforçado em detalhar sua trajetória e sua morte.

O período observado na pesquisa corresponde às edições da segunda metade de junho de 1973, após o assassinato de Nilton, um momento em que o Chile recebeu mais destaque do que o usual nas editorias internacionais dos diários do Brasil. Convém ressaltar que, nessa quinzena, a incidência de notícias a respeito da situação chilena teve dois picos, motivados por razões diferentes, ainda que os dois fatos tivessem relação entre si: a primeira onda de notícias vindas aconteceu logo após os violentos confrontos do dia 15, que vitimaram Nilton da Silva; a segunda fase em que os jornais dispensaram grande atenção às informações vindas de Santiago ocorreu no final daquele mês, depois do *Tancazo*, tentativa frustrada de golpe de Estado ocorrida no dia 29 de junho. Este segundo evento, que demonstra o quão grave estava a crise naquele momento e é fundamental para compreender o contexto chileno prévio ao golpe vitorioso de 11 de setembro de 1973, extrapola o objetivo do presente artigo e não terá seu noticiário analisado, uma vez que Nilton não voltou a ser citado na ocasião.

Dentro desse *corpus*, percebe-se imediatamente que a atenção conferida à morte de Nilton Rosa da Silva foi bastante desigual entre os jornais, no que diz respeito ao volume de conteúdo. O *Correio da Manhã*, por exemplo, que já vivia as dificuldades técnicas, políticas e financeiras que levariam ao seu fechamento no ano seguinte, não menciona o assassinato do brasileiro em momento algum no período observado. Enquanto isso, seu concorrente no mercado carioca, o *Jornal do Brasil*, é o que traz o noticiário mais completo – e duradouro – a respeito do assunto, quando comparado a todos os demais analisados. A tônica das publicações é mencionar apenas de passagem o acontecimento, sempre em suas edições datadas de 17 de junho, enquanto o *JB* tocará no tema em três edições diferentes, antes e depois de os outros publicarem suas notas.

Deste modo, o assassinato de Nilton aparece primeiro no *Jornal do Brasil*, o único a fazê-lo ainda em 16 de junho, na edição de sábado, dia imediatamente posterior ao fato. Como essa edição havia sido fechada na véspera, o silêncio dos demais jornais é compreensível, assim como a falta de detalhes mais aprofundados na nota do *JB*. Apesar de curta, no entanto,

---

<sup>20</sup> O acervo do *Estadão* está disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/>> e o da *Folha* está disponível em <<http://acervo.folha.com.br/>>. As duas publicações impõem limitações quanto ao número de páginas ou edições que podem ser vistas por usuários não assinantes do jornal.

esta notícia foi uma das que recebeu maior destaque entre todas as publicadas pela imprensa a respeito do assunto, ocupando uma chamada na capa do jornal. Sob o título “Choque de rua mata um e fere 64 em Santiago” (Figura 1), vinham as primeiras informações que os brasileiros receberam sobre o caso:

Um estudante morreu – o brasileiro Nilton Rosa, 24 anos, que pertencia ao Movimento de Esquerda Revolucionaria (MIR) – e outras 64 pessoas ficaram feridas num choque entre estudantes que apoiam o Governo do Presidente Salvador Allende e grupos da Oposição, que se encontraram a dois quarteirões do Palácio de la Moneda, em Santiago, solidarizando-se com os grevistas da mina de cobre de El Teniente.<sup>21</sup>

A notícia prosseguiria na página 8 daquela edição. No entanto, já não voltaria a mencionar Nilton, seguindo com uma descrição dos confrontos registrados na sexta-feira em Santiago, bem como uma breve contextualização da greve de *El Teniente*. Mais informações seriam dadas nas edições do dia seguinte, agora passando a englobar parte dos demais jornais analisados. As outras publicações que se referiram à morte do exilado brasileiro somente o fariam em suas edições datadas de 17 de junho, normalmente mais longas, por serem dominicais. O próprio *JB* voltou a escrever a respeito e, em sua segunda nota sobre o tema, acrescentava novas informações desconhecidas na véspera: que Nilton era estudante de Pedagogia na Universidade do Chile e que residia naquele país “há um ano e meio, desde que fugiu do Brasil por razões políticas”.<sup>22</sup> Citando informações do MIR, afirmava ainda que ele havia pertencido “a um grupo subversivo no Brasil”.<sup>23</sup>

As outras publicações que foram para as bancas de jornal naquele dia se limitaram a notas muito parecidas a essa, mesclando uma explicação da situação chilena com informações que pouco traziam de novo a respeito de Nilton. O *Correio do Povo*, de Porto Alegre, noticiou na capa: “Blindados e gases contra grevistas na principal avenida de Santiago”. A referência à morte de Nilton da Silva veio apenas no último intertítulo da matéria – “Brasileiro morto” – e praticamente não se diferenciava, em conteúdo, do que o *Jornal do Brasil* havia trazido nos últimos dois dias. O único fato distinto era uma tentativa de pormenorizar as circunstâncias da morte, indicando que o brasileiro teria morrido não instantaneamente, mas “horas depois” do tiro, quando já se encontrava “no Hospital de Neurocirurgia” de Santiago.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1973, p. 1.

<sup>22</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1973, p. 8.

<sup>23</sup> *Idem*.

<sup>24</sup> *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 jun. 1973, p. 1.

Essas informações também apareceram em *O Estado de São Paulo*, em uma nota intitulada “Esquerdista morto era asilado” (Figura 2). O teor da notícia em nada se diferenciava das demais, mas trazia dois equívocos grosseiros: na imprensa paulista, Nilton virou Milton, e o *Estadão* deu seu nome como “Milton Santos da Silva”, errando – além do nome e do sobrenome – também a sua idade, noticiada como 22 anos ao invés de 24 (informação correta, dado que ele havia nascido em fevereiro de 1949, já trazida pelo *Jornal do Brasil* na véspera):

O estudante brasileiro que morreu baleado durante os distúrbios ocorridos sexta-feira em Santiago era um asilado político, que chegou ao Chile há um ano e meio. O estudante – identificado como Milton Santos da Silva [sic], de 22 anos [sic] – cursava a Faculdade de Pedagogia da Universidade do Chile. Era militante de uma organização extremista brasileira e, ao chegar ao Chile, filiou-se à organização de extrema-esquerda denominada Movimento de Esquerda Revolucionária. Foi atingido por um tiro na testa quando se dirigia com outros companheiros para o Palácio de La Moneda e morreu, horas depois, no Hospital de Neurocirurgia de Santiago.<sup>25</sup>

Em uma nota muito menos completa, a *Folha de São Paulo* de 17 de junho de 1973 também comentou ligeiramente o assassinato do brasileiro, cometendo um erro semelhante ao de *O Estado* e se referindo ao militante exilado como sendo “Milton” da Silva. É curioso como esse equívoco continuaria se reproduzindo, talvez não por casualidade, apenas em veículos de São Paulo. Na introdução de uma entrevista concedida por Salvador Allende, publicada em 27 de junho, a revista *Veja* – que não analisarei neste artigo – citaria de forma breve a morte do brasileiro, também se referindo a ele como “Milton da Silva Rosa”.

No Rio de Janeiro, o *Correio da Manhã* seguiria publicando notas sobre o Chile, mas não noticiaria o acontecido com o brasileiro em momento algum. No caso do porto-alegrense *Zero Hora*, não foi possível constatar o modo como a morte foi tratada – ou, mesmo, se chegou a ser noticiada –, visto que a edição de 17 de junho não constava no acervo a que tive acesso. As demais edições daquele mês, entretanto, foram observadas – e embora esse jornal gaúcho mantivesse uma cobertura quase diária dos acontecimentos chilenos, não citaria Nilton Rosa da Silva em qualquer edição publicada no restante do mês.

O que *Zero Hora* fez ou, melhor, o que deixou de fazer, seria a regra em quase todos os demais periódicos consultados: nenhum deles voltaria a se referir ao caso após o dia 17, com o já referido *Jornal do Brasil* constituindo-se como a solitária exceção. Em 18 de junho, segunda-feira, quando os outros silenciaram definitivamente sobre Nilton (ou “Milton”), o *JB*

<sup>25</sup> O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 jun. 1973, p. 7.

ainda repercutia os violentos confrontos da semana anterior em Santiago, sem esquecer totalmente do brasileiro que havia aparecido anteriormente em suas páginas. Em poucas linhas, a edição daquele dia noticiou que Nilton da Silva havia sido enterrado na véspera no Cemitério Geral de Santiago, sendo o único dentre os jornais consultados a se referir ao sepultamento. O jornal, contudo, não trazia mais detalhes a respeito do funeral, ignorando a existência de uma procissão política que se apropriou do enterro. Ainda assim, na última notícia do *Jornal do Brasil* houve espaço para outro dado desconhecido pelas notícias anteriores – suas e dos concorrentes –, destacando que o brasileiro exilado era natural do Rio Grande do Sul. Esta informação, que poderia trazer um interesse maior dos jornais gaúchos em relação ao caso, não chegou a mudar o posicionamento destes àquela altura, visto que nenhum deles sequer voltaria a mencionar Nilton ou sua origem.

Nessa derradeira nota do *JB* (Figura 3), o sobrenome do estudante apareceu invertido, como “Nilton da Silva Rosa”. Esta inversão, que seguiria sendo reproduzida em jornais chilenos e brasileiros, deve-se ao formato hispânico de escrita de sobrenomes, no qual o sobrenome paterno vem primeiro. Por vários anos, tal duplicidade dificultou a busca por localizar o sepulcro do brasileiro no Cemitério Geral de Santiago, levando a acreditar que os restos mortais de Nilton teriam sido removidos durante a ditadura de Augusto Pinochet. Por fim, descobriu-se que seu túmulo continuava existindo, e só não havia sido encontrado antes por estar identificado segundo o costume da língua espanhola: “Nilton da Silva Rosa”, como seria o correto no Chile, e não Nilton Rosa da Silva, o nome com que foi registrado no Brasil.



**Figura 1:** Detalhe da capa do *Jornal do Brasil*, 16 jun. 1973. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>> Acesso em 10 jun. 2013.

## A polícia de Allende ataca e fere mineiros

SANTIAGO — Centenas de trabalhadores em greve — da mina de cobre de El Teniente — concentrados diante da sede do Partido Democrata Cristiano, a apenas duas quadras do palácio presidencial, foram atacados e dispersados ontem pelas forças de segurança, que utilizaram carros blindados, bastões, granadas lacrimogêneas e outras armas. Segundo declarações do líder do PDC, senador Eduardo Frei, 56 mineiros foram feridos — três dos quais a bala — durante o incidente.

Falando pelo rádio, Frei declarou que a ação policial "só pode ser entendida como uma provocação contra os mineiros que aguardavam uma resposta do governo para suas justas reivindicações".

"Neste país — acrescentou — não se age contra os grupos armados que atacam civis nem contra os que promovem distúrbios. A repressão é dirigida aos trabalhadores, que pedem o cumprimento de disposições legais e são atacados e golpeados".

O líder do PDC ressaltou que nem mesmo a sede do partido opositor fora poupada pelos policiais, os quais lançaram bombas de gás lacrimogêneo em seu interior, onde alguns mineiros haviam se refugiado.

Frei concluiu afirmando que as medidas policiais empregadas pelo governo "não intimidam a oposição".

As forças de segurança entraram na ação depois que o Ministério do Interior ordenou que as ruas fossem abertas à circulação. Os mineiros — que se encontram em greve há 59 dias — ha-

viam obstruído uma das calçadas da avenida Bernard O'Higgins, a principal de Santiago.

O incidente ocorreu poucas horas após violentos choques envolvendo estudantes e trabalhadores oposicionistas — que tentavam promover uma manifestação em favor dos mineiros em greve — e partidários do governo, que provocaram a morte de um estudante, o brasileiro Milton Santos da Silva, e ferimentos em 64 pessoas.

Pouco antes, comunistas e socialistas haviam criticado energicamente a decisão do presidente Salvador Allende

de tentar negociar o fim da greve. Durante duas horas e meia, Allende conferenciou com líderes dos mineiros e propôs uma fórmula que estava sendo estudada pelos mineiros, quando eclodiram os novos conflitos.

Na manhã de ontem, Milton Puga, representante dos grevistas, declarou que ele e seus companheiros permanecerão em Santiago até a resolução definitiva da greve, ressaltando que esperava renunciar-se novamente com o presidente Allende.

### Esquerdista morto era asilado

SANTIAGO — O estudante brasileiro que morreu baleado durante os distúrbios ocorridos sexta-feira em Santiago era um asilado político, que chegou ao Chile há um ano e meio.

O estudante — identificado como Milton Santos da Silva, de 22 anos — cursava a Faculdade de Pedagogia da Universidade do Chile. Era militante de uma organização extremista brasileira e, ao chegar ao Chile, filiou-se à organização de extrema-esquerda denominada Movimento da Esquerda Revolucionária. Foi atingido por um tiro na testa quando se dirigia com outros companheiros para o Palácio de La Moneda e morreu, horas depois, no Hospital de Neurocirurgia de Santiago.



**ACC**

Por n  
da Empres  
fos, serão e  
usuários, c  
emissão de  
(CTB), aos  
Rio Claro e  
Proce  
pela TELE  
Da de C A

Figura 2: Detalhe de *O Estado de São Paulo*, 17 jun. 1973, p. 7. Fonte: Acervo Estadão<sup>27</sup>.

**BRASILEIRO ENTERRADO**

O corpo do estudante brasileiro Nilton da Silva Rosa — morto na sexta-feira por um tiro, durante os distúrbios entre grupos rivais de estudantes, foi enterrado ontem no cemitério geral de Santiago.

Nilton tinha 24 anos, nasceu no Rio Grande do Sul e estava há um ano e meio no Chile, onde cursava o segundo ano da Universidade do Chile e se filiara ao Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR).

Ontem não houve incidentes nas ruas de Santiago, depois de dois dias consecutivos de lutas. Os trabalhadores grevistas de El Teniente aguardam o resultado das gestões iniciadas com o Presidente Allende, que entregou o assunto a uma comissão especial.

Figura 3: Detalhe do *Jornal do Brasil*, 18 jun. 1973, p. 2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730617-30128-nac-0007-999-7-not>> Acesso em 17 fev. 2014.

<sup>28</sup> Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>> Acesso em 11 jun. 2013.

## **Escravos das agências de notícias: a (des)informação de um jornalismo limitado**

Nos dias que se seguiram ao assassinato de Nilton Rosa da Silva, dois fatos ocuparam o noticiário político com grande destaque na imprensa brasileira. Na editoria internacional, os jornais passaram a dar atenção aos preparativos – e, a seguir, às consequências – do aguardado retorno de Juan Domingo Perón à Argentina, após dezoito anos de exílio. Nas seções de política nacional, com o Brasil vivendo sob o jugo da ditadura civil-militar instaurada em abril de 1964, o grande acontecimento era o anúncio de Ernesto Geisel como sucessor de Emílio Garrastazu Médici, confirmado no dia 18 de junho de 1973 e acompanhado por uma reticente expectativa de gradual reabertura democrática. Mesmo no que dizia respeito às notícias vindas do Chile, em pouco tempo os acontecimentos que culminaram com a morte de Nilton, como a greve de *El Teniente*, passaram a um segundo plano: no dia 29 daquele mês, um solitário regimento de blindados tentou executar um quixotesco golpe de Estado contra Allende e terminou derrotado – não sem antes gerar um conflito no centro da capital e deixar 22 pessoas mortas nos arredores de La Moneda.

Diante da magnitude e relevância dos acontecimentos que concorriam por um disputado espaço nas páginas dos jornais, não chegaria a surpreender que a manifestação dos mineiros de *El Teniente* em 15 de junho logo tenha se tornado um “assunto velho” na cobertura noticiosa. Como comenta Pierre Bourdieu, o jornalismo se sente obrigado a “viver e pensar no dia a dia e a valorizar uma informação em função da sua atualidade”, de modo que “favorece uma espécie de amnésia permanente.”<sup>29</sup> No entanto, o fato de aqueles conflitos terem produzido a morte de um brasileiro é motivo suficiente para considerar que a imprensa do país daria uma atenção maior ao caso, tornando significativo o rápido silêncio que deu sequência às poucas notas publicadas sobre Nilton. Com efeito, tratava-se de um exilado político, um militante de um movimento considerado de extrema-esquerda, e no contexto de censura e repressão vivido pelo Brasil certamente não era o tipo de indivíduo que o governo militar gostaria de ver transformado em um “personagem” ou, muito pior, num “mártir”.

Mas reduzir a deficiência do noticiário apenas à censura institucional é insuficiente. Dos jornais consultados, *O Estado de São Paulo* é o único que disponibiliza para fácil acesso o conjunto de seu material censurado, e a nota sobre Nilton não está entre as páginas que receberam o carimbo do censor exigindo reescrita. Os gaúchos *Correio do Povo* e *Zero Hora*,

---

<sup>29</sup> BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: \_\_\_\_\_. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 107.

por exemplo, não possuem histórico de material censurado por razões políticas – nas poucas vezes em que tiveram de modificar seu conteúdo durante o regime militar, a justificativa foi de cunho moral. Se isso não é o bastante para comprovar que o noticiário sobre Nilton da Silva não foi censurado, é um bom indício de que provavelmente a mesma tolerância tenha ocorrido com as demais publicações, que lançaram notas tão parecidas umas com as outras.

É plausível – embora muito mais difícil de comprovar, pela subjetividade que implica – que, por outro lado, o contexto de repressão tenha produzido uma autocensura nos jornais em questão, evitando tocar num assunto que poderia se tornar espinhoso e preferindo fazê-lo desaparecer pelo silêncio. Na sanha por “não ficar atrás”, os jornais frequentemente copiam as temáticas uns dos outros e, apesar de o *Jornal do Brasil* ter trazido um noticiário levemente mais completo, não foi longa o suficiente para fazer com que os demais diários se sentissem incômodos. Bourdieu argumenta que, no jornalismo, a concorrência pode se distanciar muito de uma condição geradora de originalidade e diversidade, tornando-se uniformizadora.<sup>30</sup> Em relação à morte de Nilton, essa realidade pode ter feito com que o silêncio de um rapidamente se tornasse o silêncio de todos.

Se a autocensura existiu, os jornais analisados não podem ser totalmente eximidos de responsabilidade pelo fraco noticiário. Bernardo Kucinski ressalta que a autocensura é “um ato consciente”, portanto não um posicionamento inerentemente arraigado a uma redação, implicando no objetivo também consciente de “dosar a informação que chegará ao leitor ou mesmo suprimi-la”.<sup>31</sup> Anne-Marie Smith destaca que, embora considere o termo “autocensura” inadequado (pois ela surge originalmente de uma imposição do regime, e não dos censurados sobre si mesmos), o que se verificou na prática foi que “a imprensa obedeceu [às imposições] quase sem resistência. A responsabilidade relativa pela censura fica, então, difícil de discernir”. De fato, boa parte dos jornais analisados, particularmente a *Folha de São Paulo* e os dois gaúchos, tiveram posicionamentos editoriais marcadamente favoráveis ao regime militar até pelo menos o final da década de 70, de modo que a fuga de um tema polêmico não apenas se daria pelo temor de uma represália, mas pela própria concordância com certas políticas do governo brasileiro.

Esse posicionamento de autocensura, por temor ou conivência, pode realmente ter tolhido parte das informações e evitado que os jornais publicassem, por exemplo, pormenores

---

<sup>30</sup> Idem, p. 109.

<sup>31</sup> KUCINSKI, Bernardo. A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias silenciadas: História da Censura no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2002, p. 538.

sobre a vida pregressa de Nilton Rosa da Silva no Brasil. Sua militância no movimento estudantil gaúcho nunca é mencionada – salvo a vaga referência a sua filiação a “um grupo subversivo” antes do exílio. No entanto, a explicação para o pouco aprofundamento do noticiário observado nos exemplos analisados se deve também a uma questão de ordem prática: as dificuldades de os jornais, à época, realizarem uma cobertura internacional independente das agências de notícias estrangeiras. Nos termos de Nelson Werneck Sodré, os jornais “escravizaram-se a duas forças não nacionais, e quase sempre antinacionais: as agências de notícias e [...] as agências de publicidade”.<sup>32</sup>

Mesmo hoje, apesar das facilidades trazidas pela Internet, a presença do material produzido por essas empresas ainda ocupa grande parte do noticiário – crescente em alguns casos, como se observa nos veículos em crise –, e não apenas nos jornais impressos. Escrevendo na época analisada, Albert Hester trazia um dado relevante para essa argumentação: nos Estados Unidos dos anos 70, praticamente metade dos jornais mantinha suas editorias internacionais apenas com informes da *Associated Press* (AP), e outros 20% o faziam usando material da AP em conjunto com o de outras agências de notícias.<sup>33</sup> Na essência do número, isso significava que mais de dois terços dos diários norte-americanos simplesmente não possuía correspondentes internacionais próprios, uma proporção que provavelmente era ainda maior no Brasil, mesmo entre os grandes jornais, que só enviavam repórteres ao exterior em situações extraordinárias e muito raramente o faziam quando o foco da notícia era outro país latino-americano.

Está claro que nenhum dos jornais consultados, todos eles situados entre os principais do Brasil, cobriu a situação de junho de 1973 no Chile com um correspondente próprio, dependendo exclusivamente do que recebiam e interpretavam a partir do material das agências de notícias. A enorme semelhança no teor dos textos, principalmente quanto à pouca profundidade nas informações sobre a morte de Nilton Rosa da Silva, permite identificá-los como procedentes de agências de notícias mesmo quando isso não é afirmado claramente. Ainda que nem todos os diários analisados citassem explicitamente a agência responsável por cada nota publicada em suas páginas, alguns efetivamente o faziam. Relevante para o público brasileiro, o assassinato de um compatriota no exterior simplesmente não possuía o mesmo apelo para as empresas produtoras de conteúdo que precisavam enviar, desde o Chile, um material genérico a ser consumido pelo mundo inteiro – e logo os acontecimentos de 15 de

<sup>32</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 389.

<sup>33</sup> HESTER, Albert. Albert L. The news from Latin America via a world news agency. *International Communication Gazette*, v. 20, n. 2, p. 82-98, 1974.

junho foram “ultrapassados” e engolidos pelo agravamento da crise chilena, com o golpe frustrado do *Tancazo* sendo registrado apenas duas semanas mais tarde.

Apenas um dos seis jornais analisados, o *Jornal do Brasil* deu notícias sobre Nilton por mais de um dia. É significativo que o *JB* tenha trazido as informações mais acuradas e por um período de tempo mais extenso, que se estendeu por três edições, contra apenas uma (ou nenhuma) dos demais: dentre as publicações que citavam a origem de suas informações, era o jornal que baseava seus textos sobre o Chile no número mais diversificado de agências de notícias. Destaque-se, por exemplo, que coberturas mais rasas como as da *Folha de São Paulo* e do *Correio da Manhã* basearam suas notas apenas informes da AP, a primeira trazendo uma série de erros (até mesmo o nome de Nilton, que se tornou “Milton”) e o segundo sequer mencionando o brasileiro. O *Jornal do Brasil*, por outro lado, começava suas notas identificando três agências como fontes das informações: a *United Press International* (UPI), a *Agenzia Nazionale Stampa Assoziata* (ANSA) e a *Agence France-Presse* (AFP). Mesmo numa cobertura totalmente indireta e dependente apenas de material vindo das agências, valer-se de um maior número de fontes contribuiu para que o *JB* pudesse contrastar as informações recebidas e produzir notas mais completas – antes e depois de os demais jornais abandonarem o assunto.

Evidentemente, a deficiência na cobertura do tema fez com que alguns aspectos em torno do assassinato de Nilton Rosa da Silva fossem completamente ignorados pela imprensa naqueles dias, vindo a ser esquecidos no longo prazo, como se jamais houvessem ocorrido: “O que chamamos um ‘acontecimento’ não é jamais, afinal, senão o resultado da mobilização [...] dos meios de comunicação em torno de alguma coisa com que eles concordam, por certo tempo, a considerar como tal”.<sup>34</sup> É assim que o funeral de Nilton, recordado por testemunhas como uma massiva demonstração pública, terminou ausente de muitas narrativas hegemônicas produzidas por esses mesmos jornais, posteriormente, quando se dedicaram a produzir e recompilar memórias da repressão e do exílio. Entretanto, segundo numerosos relatos de exilados, o funeral de Nilton não somente foi um fato político importante – reunindo militantes do MIR e de partidos da UP, numa união que era incomum, dado o estigma do mirismo como extremista –, marcando uma tentativa de demonstrar resistência e união contra as investidas da oposição: também teria sido uma marcha multitudinária.

---

<sup>34</sup> CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 66-67.

Escrevendo quase quarenta anos depois, Raul Ellwanger sugeriu que mais de 100 mil pessoas teriam acompanhado o cortejo fúnebre de Nilton.<sup>35</sup> Amy Conger, fotógrafa estadunidense que se encontrava em Santiago no dia do funeral – 17 de junho, dois dias após o assassinato – publicou em livro várias imagens das ruas tomadas por manifestantes, que acompanhavam o esquife empunhando bandeiras do MIR e de diferentes partidos de esquerda, não só do Chile, mas de outros países latino-americanos, enquanto gritavam palavras de ordem. “It was the largest procession I had seen in Chile, maybe that had ever been”<sup>36</sup>, escreveu, demonstrando a importância de um momento que jamais apareceu nos jornais brasileiros em 1973.

### Considerações finais

Se o enterro de Nilton Rosa da Silva reuniu 100 mil pessoas nas ruas de Santiago ou não, é menos relevante do que a presença de militantes dos partidos da UP nas exéquias de um membro do MIR. Esse dado é significativo na interpretação daquele momento enquanto uma manifestação política de grande impacto, pois indica uma tentativa de unidade da esquerda para se contrapor à ameaça de golpe que muitos já viam no horizonte. Não estavam enganados: em 29 de junho, apenas duas semanas depois do tiro que derrubou Nilton, haveria a primeira tentativa – fracassada – de derrubar Salvador Allende usando o aparato militar. Dois meses e meio mais tarde, em 11 de setembro, Augusto Pinochet coordenaria um movimento muito mais articulado que o de junho, conseguindo o objetivo de derrocar a UP e dando início a uma sangrenta ditadura.

Deste modo, a morte e funeral de Nilton, um mirista, podem ser representativos de uma situação muito mais ampla: um movimento da esquerda chilena buscando demonstrar força frente às investidas de movimentos conservadores, numa última tentativa de evitar um golpe cuja violência era antecipada pelos atos que contavam com a participação de grupos extremistas como o Patria y Libertad. Limitada ao conteúdo das agências de notícias e, possivelmente, por uma relativa autocensura (conivente ou não com a ditadura brasileira), a imprensa do Brasil não teve condições de interpretar o significado da morte de Nilton da Silva dentro do momento vivido pelo Chile. Tampouco pôde – ou se interessou em – aprofundar as notícias a respeito do estudante e de sua trajetória na militância política.

---

<sup>35</sup> ELLWANGER, Raul. Chile: 11 de setembro de 1973. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 set. 2012, p. 18.

<sup>36</sup> “Foi a maior procissão que vi no Chile, talvez a maior que já tivesse havido”. CONGER, Amy. *Nilton da Silva Rosa, June 17, 1973, Santiago: “We Don’t Forget the Color of Blood”*. Telluride: Nolvado Press, 2010, p. 23.

A cobertura, num tom burocrático, listando informações muitas vezes equivocadas, aponta para uma insuficiência dos jornais brasileiros como fontes para elucidar o momento vivido pelo Chile, mesmo numa situação que envolvia diretamente um indivíduo saído do Brasil. A ausência de informações e a impossibilidade – política, financeira ou técnica – de realizar uma cobertura própria, somadas ao fato de Nilton ter morrido num Chile ainda democrático (apesar de assassinado por grupos golpistas), fez mais do que deixar um vazio noticioso sobre seu assassinato. No longo prazo, contribuiria, também, para que ele não figurasse em grande parte das narrativas sobre o exílio e a repressão política que vitimaram tantos latino-americanos no período. Nilton, que em alguns jornais se tornou um personagem ainda mais impessoal ao virar Milton, muitas vezes parece ter morrido de forma acidental, como se por trás daquele tiro dirigido a uma multidão não operasse a mesma lógica que movia as ditaduras dos países vizinhos – e em pouco tempo também atuaria sobre o Chile.

## Referências bibliográficas

### Livros

BASSO PRIETO, Carlos. *La CIA en Chile*. Santiago de Chile: Aguilar, 2013.

CONGER, Amy. *Nilton da Silva Rosa, June 17, 1973, Santiago: “We Don’t Forget the Color of Blood”*. Telluride: Nolvio Press, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARAMBIO, Max. *Las armas de ayer*. Santiago de Chile: La Tercera, 2007.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Fórmula para o caos: Ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

PRATS GONZÁLEZ, Carlos. *Memorias: Testimonio de un soldado*. 3.ed. Santiago de Chile: Pehuén, 1985.

RIVAS, Patricio. *Chile, un largo septiembre*. Santiago de Chile: LOM, 2007.

SECRETARÍA GENERAL DE GOBIERNO. *Libro Blanco del Cambio de Gobierno en Chile*. 2.ed. Santiago de Chile: Lord Cochrane, 1973.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TORRES, Osvaldo. *Democracia y Lucha armada: MIR y MLN-Tupamaros*. Santiago de Chile: Pehuén, 2012.

TOURAINÉ, Alain. *Vida e Morte do Chile Popular*. Amadora: Bertrand, 1974.

VERDUGO, Patricia. *Chile, 1973: como os EUA derrubaram Allende*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WINN, Peter. *A Revolução Chilena*. São Paulo: UNESP, 2010.

## Capítulos

BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: \_\_\_\_\_. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 99-120.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 63-79.

KUCINSKI, Bernardo. A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias silenciadas: História da Censura no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2002, p. 533-551.

LISBÔA, Susana Keniger. Anexo II – Rio Grande do Sul: Militantes Mortos e Desaparecidos. In: PADRÓS, Enrique Serra et al (org.). *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória, vol. 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”*. Porto Alegre: Corag, 2010, p. 267-301.

SMITH, Anne-Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

## Textos em jornais

ELLWANGER, Raul. Chile: 11 de setembro de 1973. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 set. 2012, p. 18.

## Artigos de periódicos

HESTER, Albert L. The news from Latin America via a world news agency. *International Communication Gazette*, v. 20, n. 2, p. 82-98, 1974.

NARANJO, Pedro et al (org.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile: Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR*. Santiago de Chile: LOM, 2004.